

Preço avulso — 20 réis

GRANDE FOLHA

SEMANARIO

ILUSTRADO, LITTERARIO E THEATRAL

REDACTOR PRINCIPAL

SECRETARIO DA REDACÇÃO

Joaquim dos Anjos

Hogan Teves

PROPRIETARIOS: Hogan Teves, Henrique Pereira e João Costa

Redacção e Administração — Largo do Conde Barão, 50, 2.º

ASSIGNATURAS

LISBOA — Série de 15 numeros 300 rs.
FÓRA DE LISBOA — Série de 15 numeros 400 rs.

LISBOA

19 de maio de 1904

Editor: THOMAZ RODRIGUES MATHIAS

Composição e Impressão na Typographia d'«A EDITORA»

Largo do Conde Barão, 50

Individualidades Artísticas

JOSÉ RICARDO

E' incontestavelmente um dos nossos primeiros actores comicos.

Representando com grande naturalidade, sem recorrer a exaggeros que prejudicam o artista, pois forçando a nota é facil descambar-se no grotesco, o actor José Ricardo tem conseguido, graças ao seu talento, boa vontade e sobriedade de processos, impôr-se, não só ás platéas portuenses que primeiro o applaudiram e de que foi durante algum tempo o verdadeiro *enfant gaté*, mas tambem ás da capital, para onde veio, com o fallecido empresario Domingos Gouveia, explorar o theatro da Trindade, e onde se conserva dirigindo a companhia que funciona actualmente no Principe Real.

Dispondo de um magnifico jogo physionomico, José Ricardo consegue n'uma pequena rabula despertar o riso do espectador mais sisudo, sem esgares nem visagens de *clown* a que tantas vezes recorrem alguns dos seus collegas bem cotados.

Notavel não só como actor mas tambem como ensaiador, o seu talento maleavel presta-se á interpretação das personagens mais oppostas.

Assim, contando no seu vasto repertorio verdadeiras creações, tem-se feito applaudir com igual justiça em peças como os *Sinos de Corneville*, *Testamento da Velha*, *Solar dos Barrigas*, *Burro do sr. alcaide*, *El-rei damnado*, *Reino das Mulheres*, *Mascotte*, *Homem das mangas*, etc.

No Porto trabalhou o actor José Ricardo nos theatros Baquet e Principe Real, sendo tambem empresario do D. Affonso.

Em 1895 esteve no Brasil, onde foi justamente apreciado pelo publico fluminense. Actualmente dirige, como acima dizemos, a *troupe* que explora o theatro do Principe Real.

Tanto na opperetta o *Jockey á força* como nos *Velhos gaiteiros*, agora em scena n'aquelle theatro, José Ricardo tem conseguido alcançar mais uma vez os applausos es-



O ACTOR JOSÉ RICARDO

pontaneos do publico e os justos encomios da critica que tem sido unanime em apreciar com louvor o seu trabalho.

E' um artista de merito que honra a scena portugueza, tão falha infelizmente de poderosas individualidades.

EDUARDO PACHECO (*Boccacio*).

Primeiras representações

Theatro de D. Maria II

No tempo de Luiz XV, peça em quatro actos de Alexandre Dumas (pae) traduzida pelo sr Salvador Marques.

Não póde infelizmente dizer-se que tivesse fechado com chave de ouro a série das sete recitas de assignatura que a empreza d'este theatro fez abrir no começo da época que está a findar.

No tempo de Luiz XV, a velha peça de Dumas que a empreza do theatro normal se lembrou de ir desenterrar, já não é para os nossos tempos.

Esta producção de Dumas, como muitas outras, é apenas um desfilar em debandada de scenas descosidas, accites pelo prestigio de um nome, pelo apparato scenico a que se prestam e mais nada.

Se ao entrecho se accomodasse boa musica, ficaria ella uma opperetta que iria deixar á perder de vista muitas outras que teem feito successo; mas assim a sêcco, apenas declamada e mal pelos artistas que foram interpretar as ridiculas personagens da peça, o espectador cança-se, aborrece-se e finalmente adormece, estado este de seguras vantagens, porque se todos os espectadores estivessem acordados, não podemos fazer bem idéa da fórma como receberiam tudo aquillo.

Quem durante a representação conhece que só com esforço consegue fixar a sua attenção no que se está passando na scena, que sente o espirito a fugir-lhe involuntariamente do palco e dos actores para outros logares e para outra ordem de idéas, que ouve com indifferença as falas das personagens e vê com impassibilidade os seus movimentos, esse espectador, a menos que não seja tão ignorante que não perceba o que se está passando, poderá asseverar sem receio de erro que a peça a cuja representação assiste é uma obra cujo merito é na generalidade diminuto; porque desde o momento em que o

interesse abandona uma composição, falta-lhe incontestavelmente o seu primeiro predicado.

Na peça **No tempo de Luiz XV** achamos a cabal confirmação do que acabamos de avançar.

O espectador mais ignorante em coisas de theatro, o espirito menos entendedor em assumptos litterarios poderá, avaliando o merecimento da obra pela impressão geral que ella lhe produziu, afirmar que é uma peça mal architectada, onde os preceitos da arte não foram rigorosamente atten-

didos, onde as coisas não estão dispostas pela forma que os principios da boa critica aconselham.

E não se enganará esse espectador se assim fizer. O critico que fôr depois investigar quaes são os motivos que dão á comedia de Dumas aquella falta de interesse, que é o seu principal caracteristico, achará que elles estão na organização defeituosa da composição, na construcção viciosa do seu mechanismo, em summa, na maneira como o auctor tratou os acontecimentos que tinha a narrar, e na forma pouco harmonica por que dispoz as diferentes partes da sua obra.

Por todos estes e ainda muitos mais motivos que aqui não expomos para não tornar mais longa esta noticia, é que nos admiramos da desgraçada escolha que tem presidido ultimamente ás peças destinadas ao theatro normal, onde já quasi perdemos a esperanza de vêr reaparecer trabalhos de reconhecido valor. E profundamente triste, mas verdadeiro.

O enredo sobre que se desenvolvem os quatro actos da peça **No tempo de Luiz XV** diz-se em poucas palavras: um commendador, tio de dois sobrinhos, lembra-se de os casar, sem previa consulta das partes interessadas, legando-lhes toda a sua fortuna desde que o casamento se effectue. Acontece porém que ambos já tinham disposto dos seus corações: elle amando uma marquez, ella o irmão de uma condiscipula que a ia visitar ao convento. Realizado o casamento, os noivos que se não conheciam, começam a observar-se mutuamente, e embora lhes repugne uma união que não ambicionavam e que não desejavam por se não amarem, começam a sympathisar um com o outro e veem finalmente a amar se loucamente. Até que se chegue a este fim tão ardentemente desejado pelo tio commendador, succedem se varias peripecias que nada interessam, por serem previstas. O primeiro acto por si só define a peça, e seria escusado maçar os espectadores com mais tres.

O valor do desempenho correu parallelo ao valor da peça. Tentou salvar-se do desastre Joaquim Costa, que foi estudar a figura e a caracterisação nos rotulos das caixas de bolachas Marquez de Pombal, de Eduardo Costa. E realmente o estudo foi proveitosissimo, porque nos deu um Marquez de Pombal de bolacha, perfeitoissimo. Notámos-lhe apenas a falta de alguns botões na algibeira da casaca, que, se nos não enganamos, já nos conhece de vista de outras peças que n'aquelle theatro teem ido á scena e onde o guarda-roupa marca aproximadamente a mesma epoca.

E... nada mais diremos sobre o assumpto, a não ser que a traducção do sr. Salvador Marques está feita com grande correcção e elegancia de linguagem.

H. T.

Theatro D. Amelia

Não temos podido assistir a todas as recitas, porque outros theatros teem reclamado a nossa presença no espinhoso desempenho das funcções de chronista, mas pelo que alli temos ouvido não podemos unir-nos incondicionalmente ao côro de louvores quasi universal com que se tem recebido a companhia. Se é certo que ha alli elementos de bastantissimo valor como a sr.^a Amparo Taberner, Nadal, Palacios e poucos mais, o conjuncto não é de molde a *épater les gens* e a fazer proclamar-a como uma das melhores zarzuellas que teem vindo a Lisboa. O tenor tem uma voz regular mas não sabe representar, e estamos mesmo em dizer que nunca o virá a saber porque nos pareceu uma vocação negativa para a scena, e o barytono, esse, além de não saber representar, quasi não tem voz. — Nadal, comquanto isto possa parecer uma heresia desde que o snobismo o proclamou o *non plus ultra* da graça hespanhola, Nadal está sendo sempre Nadal e... *poco mas*.

Palacios tem graça e naturalidade e verdadeiro valor. Oxalá não se cegue com os louvores com que o receberam e não comece, como é vulgar, a disparatar por suppôr este paiz conquistado.

Das zarzuellas que vimos novas a unica que nos pareceu de valor foi *El Trebol*, onde Amparo e Palacios teem trabalho digno de vêr-se como tambem a caracteristica nos agradou em toda a linha. *O Duo da Africana* foi um desastre.

Ha muito tempo mesmo que não vimos representar tão mal a celebre zarzuella. *El Terrible Perez*... passa! *A Venus Salon* que vinha precedida de grande fama, é um d'estes mistiforios sem pés nem cabeça, uma coisa no genero das nossas revistas, com muito menos graça que as nossas e tambem com muito menos nú.

Uma coisa é preciso não deixar no escuro. A afinação dos côros, que é perfectissima sempre, e a encenação bastante cuidada, talvez mesmo muito mais cuidada do que é de uso n'estas companhias de zarzuella que a Hespanha costuma organizar... para exportação.

Os bailados continuam a agradar, menos na celebrada *Venus Salon* que é tão fraca que até teve habilidade de estragar as bailarinas.

A. F.

Theatro do Principe Real

Velhos gaiteros (Le truc de Seraphin) vaudeville em 3 actos, original de A. Mars e M. Desvallières, traducção de Accacio Antunes, musica de Philippe Duarte.

N'um encadeamento de situações de um comico irresistivel, os auctores precipitam as personagens de acto em acto, n'um verdadeiro dedalo de situações hilariantes, mascarando o inverosimil com verdadeiras *trouvailles*, conduzindo o enredo com grande habilidade, por forma a não deixarem envolver-se tudo na confusão que se esboça desde o principio.

No fundo a peça explora o adulterio pacato e cauteloso, e as mil contrariedades a que fica exposto o marido, ao vêr descobertos os seus estratagemas.

No desempenho distinguem-se José Ricardo no papel de *Leperchois*, o confeitiro amoroso, victima da mulher e das confusões; Gomes que dá o bello typo do violinista *Piganiol*; Vianna em *Lacresse*, o genro que se sacrifica para salvar os creditos do sogro; e Francisca Martins no papel de *Rosa*, a sogra que se faz muda para tornar possivel a felicidade do genro.

O conjuncto é excellento, revelando o extremo cuidado de José Ricardo. O segundo acto da peça é um primor no genero.

Uma mancheia de rosas, zarzuella em 1 acto, dividida em 3 quadros. imitação por João Soler, do original de Carlos Arniches e Ramon Asencio Mas, com musica de Th. del Negro. — *Chateau Margaux*, zarzuella em 1 acto, imitação de João Soler, musica de Caballero. — *Duetto da «Africana»*, zarzuella em 1 acto e 3 quadros, de D. Miguel Echegaray, musica de Caballero, traducção de João Soler.

Da zarzuella *Puñao de rosas* fez o sr. João Soler uma peça portugueza, estudando os costumes do Alemtejo (Serpa), dando rigorosamente os typos e a linguagem, onde os dizeres em portuguez antigo veem esmaltados por interessantes provincianismos. A peça está posta em scena como um authentico original, tanto o scenario, de Eduardo Reis, e o guarda-roupa, de Avellar Pereira, nos dão o meio por completo. A scena do bailado, em que Sequeira dança um vivo fandango, faz-nos pensar na dóse de indolencia nativa e de incapacidade profissional que impedem emprezarios e actores de terem fomentado um repertorio portuguez de operetta, em que as scenas tão curiosas do viver nacional tivessem o relevo que em todas as zarzuellas existe.

O desempenho é bom, como succede sempre que os nossos artistas, envergonhados pela tristeza de confrontos a que se expõem no desempenho de traducções, estudam e interpretam personagens nacionaes, dando-os com a habilidade que, felizmente, não escasseia nos nossos palcos.

José Ricardo faz um papel dramatico, o *Guedelhas*, por forma a levantar por vezes a platêa em tempestades de aclamações. Luctando com uma personagem envolta em ridiculo, levanta-se sem exageros a toda a intensidade dramatica, sem nunca perder a noção da naturalidade. Elvira Mendes e Gomes acompanham-n'o interpretando muito bem papeis de camponesas. Ismenia Mateos, que hontem se estreiou em Lisboa, dispõe de uma bella voz, sabe cantar e representar. Para ser completa deve esmerar-se na dicção portugueza.

A musica de Del-Negro ouve-se com agrado.

No *Chateau Margaux* Anelia Lopicolo tem um esplendido trabalho, scintillante de *verve*, cheio da vivacidade que põe em todos os seus trabalhos. Não se pode fazer melhor esse papel, em que tantas actrices hespanholas se teem distinguido. José Ricardo, no criado gallego, junta mais um bello typo á sua infinita galeria de creações.

No *Duetto da Africana* salienta-se Gomes no emprezario *Cherubini*. Antonio Sá, no tenor, muito bem. Ismenia Mateos desenvolve na bella musica de Caballero os grandes recursos de que dispõe.

Poucas vezes os nossos theatros apresentam um espectáculo tão gracioso, e de tão bello desempenho.

F. F.

Pinheiro Chagas

Foi incontestavelmente por todos bem accete a idêa da subscrição aberta pela brilhante folha portugueza a *Mala da Europa*, para com o seu producto mandar erigir um monumento a Pinheiro Chagas.

Da relação que a seguir publicamos, vê-se que teem sido numerosas as adhesões. N'ella se destaca a importante verba de 67\$900 réis, que gentilmente o sr. Affonso Taveira, emprezario do theatro da Trindade, mandou entregar na redacção d'aquelle nosso prezado collega.

E' de prever que, a exemplo do que fez o sr. Taveira, outros emprezarios theatraes procedam de igual forma, fazendo assim com que todos os artistas contribuam para a justa homenagem que se pretende prestar ao dramaturgo illustre que foi Manuel Pinheiro Chagas.

* *

Subscrição para um monumento a Pinheiro Chagas

A subscrição aberta pela *Mala da Europa* produziu na semana finda o seguinte resultado:

Transporte...	114\$700
Jornal do Commercio.....	20\$000
Seculo.....	20\$000
O Grande Elias.....	2\$500
Brasil-Portugal.....	20\$000
Folha do Povo.....	2\$000
Dr. Gonzaga Filho, consul do Brasil em Glasgow (1 libra esterlina.....)	5\$775
Dr. Antonio Centeno.....	10\$000
Conselheiro José Carlos de Carvalho Pessoa.....	1\$000
José d'Almeida Baptista Junior.....	1\$000
Julio Petra Vianna.....	2\$500
Ernest Le Fraper.....	1\$000
Fernando Centeno.....	500
Lista do Ex. ^{mo} Sr. Affonso dos Reis Taveira, empresario do theatro da Trindade:	
Proprietario do theatro.....	20\$000
Emprezario.....	10\$000
Secretarios da empreza.....	2\$000
Artistas.....	15\$300
Orchestra e maestro.....	6\$000
Coristas homens.....	2\$600
Coristas mulheres.....	2\$500
Contra-regra, aderecista e comparsas de scena.....	1\$700
Camaroteiro, fiscal de porteiros, porteiros e bengaleiros.....	2\$800
Machinista, carpinteiros de palco e urdimento.....	1\$180
Figurantes e figurantas.....	820
Alfaiates e costureiras.....	540
Costumier e directora do guarda-roupa.....	700
Scenographo e ajudante.....	1\$200
Moços, avisador e porteiro do palco.....	400
Electricista e illuminadores.....	660
Somma.....	268\$875



MOVIMENTO THEATRAL

Inaugura se no dia 1 de junho proximo a época de verão do theatro da Trindade, com a primeira representação do disparate comico-lyrico em 3 actos e 7 quadros, original dos nossos collegas Eduardo Coelho e Pedro Pinto, musica de Julio Neuparth e Nicolino Milano, **A Preta do Mexilhão**, parodia á conhecida opera de Verdi, *Aida*. A distribuição definitiva é a seguinte:

Bemvinda, preta, vendedeira de mexilhão e filha de Pae Paulino, Georgina Cardoso; *D. Acomeneris, quarentona, feia, filha do regedor*, Thereza Mattos; *Uma mulher do povo*, Estephania; *Outra dita, Rosa*; *Sebo aos pés, mulato, valentão, cabo-chefe*, Almeida Cruz; *Pae Paulino, preto batoteiro e galopim*, Queiroz; *Zé Chinfrim, juiz de paz*, Gomes; *Tio Fiopó, regedor, Conde*; *Come e dorme, moço de taberna*, Santinhos; *Official de diligencias*, Gabriel.

* * Em festa artistica da estimada actriz Isaura Ferreira, subiu hontem pela primeira vez á scena no theatro Avenida a operetta militar em tres actos e sete quadros, intitulada **Pela patria**. Do valor da peça e do seu desempenho, daremos circunstanciada noticia no proximo numero, não o fazendo ainda n'este por falta de tempo.

Podemos em todo caso dizer já, que o novo original está posto em scena com um rigor impecavel, e que o desempenho por parte de todos os artistas nos satisfaz, apesar dos differentes papeis não darem margem a que brilhem os seus interpretes.

** Parte brevemente, em viagem de estudo, para o estrangeiro, o nosso prezado amigo e distincto professor de violino, sr. Julio Cardona.

* Deixou de fazer parte da companhia do theatro da Trindade o actor Alfredo de Carvalho.

Vae para a Avenida, onde brevemente o veremos fazendo na revista **Vivinha a saltar** o papel que até aqui era feito pelo actor Grijó.

** Sobre brevemente á scena no theatro *Chalet* (Palhares) da feira de Alcantara, a peça de grande apparato, original do sr. Penha Coutinho, **O Regimento Vermelho**.

** Vae entrar em ensaios no Chalet Recreio, da feira de Alcantara, uma peça de grande espectáculo, em tres actos e cinco quadros, que sob o titulo de **O coxo da Fonte Santa**, o seu auctor, o sr. Nazareth Chagas, escreveu para o empresario d'aquella popular casa de espectaculos.

** No Theatro Chalet Trindade, da feira de Alcantara, realisou-se na passada semana a festa artistica do sr. Baptista Diniz, auctor da revista **De portas a dentro**. N'ella encaixou o seu auctor um novo quadro com allusões á *grève typographica*, que francamente não tem graça nenhuma. Se a revista como estava já não era grande coisa, agora com este contrapeso ainda menos vale.

** O Circo Mejistrick, da feira de Alcantara, tem continuado a ter farta concorrência, porque alli trabalham artistas de merecimento muito regular que executam numeros de effeito. Um dos artistas, um athleta, faz exercicios que denotam uma força assombrosa.



As nossas muitas occupações não nos teem permitido ir assistir ás recitas para que ultimamente as direcções dos differentes clubs tão gentilmente nos teem enviado os respectivos convites.

Aqui ficam porém consignados os nossos agradecimentos, e aqui lhes affirmamos que a nossa ausencia ás suas festas, e por consequencia a falta das noticias descriptivas das mesmas, não representam menos consideração por essas collectividades. E' apenas a falta de tempo que, mau grado nosso, de tal nos tem privado; e, como não temos por costume publicar noticias de quaesquer festas, sem que a ellas tenhamos assistido, não teem figurado n'esta secção os clubs a que geralmente nos referimos e onde tão amavelmente sempre temos sido recebidos.

Fernando de Oliveira

Causou profunda impressão, principalmente em Lisboa, o desastre succedido na quinta feira ultima na praça de touros do Campo Pequeno, e do qual resultou a morte quasi immediata do estimado cavalleiro Fernando de Oliveira.

Era um artista correctissimo, cavalleiro eximio e de um arrojo pouco vulgar. Fernando de Oli-



veira toureou em todas as praças portuguezas, em Hespanha e no Brasil. Era alegre no trabalho, elegante na sella, e possuia uma illustração muito cuidada.

Todos estes predicados contribuiam para que elle fosse não só admirado, mas verdadeiramente estimado.

Publicando o retrato do, desditoso artista, *O Grande Elias* presta ainda uma homenagem, embora posthuma, ao grande mestre do toureio portuguez.

Cartas sem sobrescripto

E' ridiculo escrever em scena uma carta n'um prazo de tempo insufficiente sequer para escrever uma palavra, e não o é menos, lê-la com precipitação, e sem o tempo preciso para se inteirar do conteúdo, ou deixal-a cahir no chão depois de lida.

= Não se deve deixar a scena obstruida com um movel, um accessorio de que o actor teve de servir-se, o que pode depois embaraçar gravemente o jogo scenico das scenas seguintes.

= E' risivel deixar cahidos na scena — o chapéu, o capote, a espada, a pretexto de excitação e ir depois girar descarapuçado por esse mundo de Christo.



Chegou, chegou, chegou,
agora, agora, agora,
chegou á Lisboa o Juca,
inda não ha meia hora.

Estão contentes os artistas
que já o davam por morto,
mas o homem mal chegou
raspou-se logo p'ro Porto

Perderam toda a alegria
e agora já estão com medo
que esta partida p'ro Porto
os deixe a chuchar no dedo!

Tvv.

A segurança nos theatros

A s. ex.^a o sr. governador civil

Os nossos prezados collegas *Diario de Noticias*, *Folha do Povo* e não nos lembra se mais algum outro jornal, publicaram ultimamente uns artigos, muito judiciosamente escriptos, em que protestavam e com fundadas razões, contra a falta de segurança nos theatros em caso de incendio.

Effectivamente, quem como nós mais frequenta as casas de espectaculos, sabe bem das desgraçadas condições de segurança em que quasi todas ellas se encontram; por isso nós, acompanhando os nossos collegas nas justas reclamações que ha pouco fizeram, vimos lembrar ainda um outro caso que com este muito se relaciona e para o qual ousamos chamar a attenção do sr. governador civil, que pela sua reconhecida intelligencia, zelo e actividade parece não estar disposto a fazer unicamente do elevado logar que occupa um simples logar politico. Referimo-nos aos theatros particulares.

Como é sabido, existe em Lisboa grande nu-

4

Folhetim d'O GRANDE ELIAS

ANDRÉ DEL SARTO

Drama em dois actos, de Alfredo de Musset

CESARIO, *continuando*

De coisas novas a todo o custo, coisas novas! Então, mestre, que ha de novo esta manhã?

ANDRÉ, *descendo os degraus do pavilhão*

Sempre alegre, Cesario! Tudo é novo hoje, meu rapaz; a verdura, o sol e as flores, tudo ha de ser ainda novo amanhã. Só o homem é que se faz velho; tudo em roda d'elle se faz mais novo todos os dias. Bons dias, Lionel; levantaste-te hoje muito cedo, meu velho amigo.

CESARIO

Então os pintores novos teem razão em pedirem tambem coisas novas, visto que a propria natureza as quer para ella e as dá a todos.

LIONEL

Sabes com quem estás falando?

ANDRÉ

Ah! já queres discutir? A discussão, meus amigos, é uma terra esteril, creiam; é ella que dá cabo de tudo; menos prefacios e mais livros. São pintores, meus filhos; a sua bôca deve ser muda, porque a mão falará. Ouve-me agora, Cesario. E' verdade que a natureza quer sempre ser nova; mas fica sendo constantemente a mesma. Tu és d'aquelles que desejam que ella mude a côr do vestido e que os bosques se tinjam de azul ou de vermelho? Não é assim que ella entende. Ao lado de uma flor fanada nasce outra igual, e reconhecem se milhares de familias por baixo do orvalho aos primeiros raios do sol. Todas as manhãs o anjo da vida e da morte traz á mãe commum um novo adorno, mas todos esses adornos se parecem. As artes devem fazer assim, porque não são nada se não imitam a natureza. Cada seculo pode trazer costumes, maneiras e idéas novas, mas o genio deve ser invariavel como a belleza; as mãos juvenis, cheias de força e de vida, teem de receber com respeito o facho sagrado das mãos tremulas dos velhos; teem de proteger contra o sopro dos ventos essa chama divina que ha de atravessar os seculos futuros, como atravessou os seculos passados. Lembra-te

bem d'isto, Cesario! E agora vae trabalhar; ao trabalho! ao trabalho! a vida é tão curta! (*para o Lionel*). Vamos envelhecendo, meu amigo. A mocidade já não quer nada conosco. Não sei se o seculo é um recém-nascido, ou um velho que tornou a ser creança.

LIONEL

Co'a bréca! Estes meninos estão-me aquecendo muito as orelhas! E eu tenho a minha espada.

ANDRÉ

Deixa lá isso, Lionel! O tempo das espadas já passou na Italia.. Vamos, meu velho, deixa lá falar os tagarellas e procuremos ser do nosso tempo até que nos enterrem. (*Para o Damiano que entra*). Então, meu caro Damiano, o Cordiani veiu?

DAMIANO

Não me parece que venha hoje.

ANDRÉ

Estará doente?

DAMIANO

Creio que sim.

(*Continúa.*)

mero de sociedades de recreio, e, se não em todas, ao menos na maior parte, existem theatrinhos, onde grupos de socios, para distração de collegas e de convidados, dão amudadas recitas. Esses theatros são geralmente construidos de lona e madeira no fim de uma sala, comprida e apesar de serem de pequenas dimensões, tem todos a competente gambiarra, panno de bocca, bastidores, camarins, emfim, possuem, embora em miniatura, tudo quanto deve haver nos theatros.

Em noites de recita, a sala enche-se completa-

mente de espectadores e imagine-se o que seria de todos elles, se por fatalidade alli se manifestasse um incendio!

Geralmente em todas as sociedades a sahida é uma unica, e a respeito de serviço de incendio, se exceptuarmos o club Simões Carneiro, parece-nos que mais nenhuma o tem montado.

E' para este facto que especialmente chamamos a attenção do sr. governador civil, pedindo-lhe que mande verificar por delegado tecnico o que acabamos de expôr, e se a opinião do perito for

como calculamos, a nossa, obrigue as direcções de todos os clubs a ter montado um serviço de incendios de primeiro socorro, é claro, mas sujeito á fiscalisação do pessoal dos incendios, isto para que esteja sempre prompto a funcionar, e não venha a succeder que exista por mera formalidade e um dia venha a ser preciso e não funcione.

E' medida que se nos não afigura de difficil execução, e que representa uma garantia para as centenas de pessoas que affuem aos espectáculos das sociedades dramaticas.

O GRANDE ELIAS

Um volume, luxuosamente encadernado em percalina, com titulos a ouro, contendo as duas primeiras séries d'este semanario

PREÇO 1\$000 RÉIS

A' venda brevemente em todas as livrarias

Retratos contidos no volume

Taborda, Virginia, Furtado Coelho, João Rosa, Rosa Damasceno, Eduardo Brazão, Barbara Volckart, Antonio Pedro, Augusto Rosa, Cesar Porto, dr. Manuel da Silva Gayo, Pedroso Rodrigues, Angela Pinto, Ferreira da Silva, Lucinda Simões, Valle, Adelina Abranches, Queiroz, Palmyra Bastos, Lucilia Simões. Visconde de S. Luiz Braga, Thereza Mattos, Joaquim de Almeida, Eduardo Schwalbach, Beatriz Rente, actor Simões, Marcellino Franco, Delfina Victor, actor Cardoso, José Carlos dos Santos, Adelaide Coutinho, Augusto Cesar de Almeida, Emilia das Neves, actor Mattos, Maria Falcão, João Gil, Silva Pereira, Amelia Pereira, João Anastacio Rosa e Francisco Costa.

Novidades litterarias

Atlas de Geographia Universal, descriptivo e illustrado; 160 pag., 40 mappaes, 300 gr. v., 1 vol. encad. 6\$700 réis; fasciculo, 150 réis.

Atlas de Portugal e colonias, descriptivo e illustrado (em publicação); chorographia physica, politica, estatistica e economica. Fasciculo, 150 réis.

Vida e aventuras de Robinson Crusoe, por Daniel de Foë. Luxuosa edição completa e illustrada. 1 volume broch. 2\$000 réis; enc. 2\$800 réis; tomo 250 réis.

Prospectos e specimens gratis. Empreza editora, rua da Boa Vista, 62, 2.º, Lisboa, e nas principaes livrarias.

Para alugar

5 numeros, 1\$500 réis

FABRICA NACIONAL

DE

= Tintas typo-lithographicas

CANDIDO AUGUSTO DA COSTA

DEPOSITO

Rua Ivens, 70 - LISBOA

Nestlé

Farinha Lactea

Lanternas

Para illuminação de estabelecimentos. — 2\$000 réis por mez, incluindo gaz, manga, lanterna e consola.

Pedidos á

SOCIÉTÉ ANONYME D'ECLAIRAGE INTENSIF

Rua do Crucifixo, 116 - Lisboa

"A EDITORA"

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Antiga Casa DAVID CORAZZI

Premiada em varias exposições

Grande variedade de obras litterarias e scientificas nacionaes e estrangeiras (Catalogo de 1903 - Gratis)

Grandes officinas a vapor

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS E LITHOGRAPHICOS

em todos os generos comprehendendo execução ou composição de desenhos e aguarellas

Cartonagens e encadernações em percalinas, pelles ou tecidos de seda Modelos communs de grande phantasia

PERFEITO ACABAMENTO - BOM GOSTO - PONTUALIDADE Preços modicos em todos os trabalhos

PORTUGAL - Conde Barão - Lisboa. Endereço telegraphico-TYPOEDITORA

FABRICA NACIONAL PAPEIS PINTADOS

DE

de DIAS TEIXEIRA & C.ª

Papeis pintados para forrar casas, papeis mates, (cou-chés) e lustro, etc, para Lithographia, Typographia, Photogravura, Encadernação, Cartonagens, etc.

Depositos para venda a retalho: José Narciso d'Aguiar & C.ª (F.ª), 13, Avenida da Liberdade, 17; José Miguel dos Santos em C.ª, 102, Rua Nova do Almada, 104.

DEPOSITO GERAL E ESCRIPTORIO

25, RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 27 - LISBOA

MECO & IRMÃO

DEPOSITO de

PAPEIS DE IMPRESSÃO

23, 21, 22, Largo da Abegoaria, 23, 24, 25

LISBOA

J. SANTOS ROCHA

Rua do Arsenal, 98

Grande sortimento de bilhetes postaes illustrados. — Sêllos para colleções — Tabacos nacionaes e estrangeiros. — Illustrações estrangeiras. — Assinatura permanente de figurinos para homens e senhoras.

Para alugar

5 numeros, 1\$500 réis

AOS FOTOGRAFOS AMADORES

Cartões simples e de luxo para collar provas fotograficas.

Côrte e chanfro de cartões em todas as medidas, desde 1 exemplar para cima. Timbragens a balancé com o nome dos amadores.

Passepartouts em todo o genero.

PREÇOS DE FABRICA

Pedidos a **Julio Amorim** R. Poyaes de S. Bento, 56, 1.º - LISBOA